



***Ponto de Vista***  
***Point of View***

**Ciência, Política e Coronavírus: reflexões sobre a  
contingência que nos assola**

*Science, politics and coronavirus: reflections on the contingency that plagues us*

Stamberg José da Silva Júnior<sup>1</sup>

“Doente, sonhou que o mundo todo estava condenado ao sacrifício de uma peste terrível, inédita e inaudita, que marchava das profundezas da Ásia sobre a Europa” (DOSTOIEVSKI, 2009, p. 556). A previsão onírica do personagem Raskolnikóv, em Crime e Castigo (1866), parece ter revelado sua face 154 anos após a primeira publicação do romance de Dostoievski. A humanidade já havia passado por outras epidemias, mas nunca em escala global nem mediada pela velocidade dos novos avanços nos sistemas de comunicação. Em 2020, a sensação invasiva da fragilidade, precariedade e

---

<sup>1</sup> Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Sociais e Humanas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Pernambuco.

vulnerabilidade humana atravessou a alma contemporânea e, como uma lupa, desvelou nossa indefensabilidade ante a mais radical contingência. O vírus Sars-cov-2 assenhorou-se sobre nossos corpos, psiques, trabalhos, emoções, relações. Em isolamento, fomos impelidos a encarar nossos pesadelos: o desarranjo econômico, as desigualdades sociais acentuadas, a crise política, o aumento da violência doméstica, as inúmeras mortes, a mente em desorientação.

Habitados ao controle, nós, (pós)modernos, nos vimos em um interregno: a trágica seta do acaso nos colocou numa tal desordem que qualquer resposta parecia incerta. Já que “a comodidade, a economia, a velocidade e sobretudo a eficiência – valores tipicamente tecnológicos – norteiam cada vez mais as nossas existências” (CUPANI, 2014, p. 3) e que estamos adaptados “à velocidade atordoante da circulação, da reciclagem, do envelhecimento, do entulho e da substituição” (BAUMAN, 2001, p. 20), demandamos celeridade à tecnociência no intuito de sermos livrados rapidamente do risco do vírus. Mas, nem sempre o tempo da vida está em confluência com o tempo científico: este último é metódico, protocolar, institucional.

A ciência, que não é um núcleo monolítico nem unívoco, mas se constitui de uma série de elementos que incluem investimentos econômicos, vaidades, competições corporativas e geopolíticas, viu-se tendo que dizer e contradizer o que disse sobre os cuidados pandêmicos. As disputas de ideias entraram em necessária agonia no início da crise – e isso foi e é necessário justamente porque ideias e descobertas intelectuais dão nascimento a outras ideias, “outras descobertas que conduzem a reorganizar as sociedades ou a atuar com mais impacto sobre a matéria. Lutas de poder inspiradas por aspirações, busca de identidade e crenças são forças pujantes da história humana.” (RAYNAUT, 2014, p. 6).

Os impasses sociais e científicos surgiram, acentuando a tessitura de uma abordagem integrada que envolvesse as dimensões humanas e materiais. Nesse sentido, o próprio processo epidemiológico trouxe à tona, assim, não apenas os impactos da ciência médica em medidas profiláticas, mas também a busca por soluções estatísticas, sociais e econômicas que se constroem conforme o conhecimento científico paulatinamente avança durante a crise. Por isso, “necessidades de conhecimento não podem ser identificadas e problematizadas apenas por um olhar científico único e exigem colaborações de especialistas dos dois grandes universos do pensamento

científico” (RAYNAUT, 2014, p. 13), ou seja, as *hard* e as *soft sciences*. O vírus influi diretamente no social e, por isso, demanda uma abordagem complexa e híbrida sobre o trato para com ele, afinal,

[...] Onde quer que os homens vivam juntos, existe uma teia de relações humanas que é, por assim dizer, urdida pelos feitos e palavras de inumeráveis pessoas, tanto vivas quanto mortas. Cada feito e cada novo começo cai em uma teia já existente onde, no entanto, deflagram de algum modo um novo processo que afetarà muitos outros. (ARENDETT; CORREIA; MAGALHÃES, 2019, p. 192).

Essa teia de relações humanas adapta-se e readapta-se quando é perpassada por alguma adversidade. Qualquer crise que atravesse a humanidade tende a acelerar processos tecnológicos e científicos, mas também pode agravar situações-limite que, de alguma forma, já estavam em curso. Assim, é imprescindível que compreendamos a pandemia a partir de uma atividade interpretativa que reflita “não apenas o presente, mas também as heranças do passado que convivem e determinam o presente” (SANTOS, 1998). Na última década, por exemplo, vimos o aumento exponencial de elementos autoritários no âmbito político – não apenas dos representantes, mas da sociedade civil.

Os enlances extremistas ecoaram vozes que politizaram a agenda pandêmica no Brasil e nos Estados Unidos. A própria ciência, um dos conjuntos de “forças que poderiam ter mantido a questão da ordem e do sistema” virou alvo desse “traço permanente da modernidade” que é o “derretimento dos sólidos” (BAUMAN, 2001, p. 12). Para Bauman (2001, p. 13), a solidez e a base que serviram, no passado, como “pontos estáveis de orientação e pelos quais podíamos nos deixar depois guiar, estão cada vez mais em falta”, o que resulta na liquefação e fluidez da própria ciência ou de sua autoridade. Embora as contradições sejam parte do método e por isso a ciência é “uma entidade que muda, como tudo quanto existe, evoluindo de uma maneira específica decorrente do objetivo que lhe é próprio” (CUPANI, 2014, p.1), seus pressupostos são tratados, em alguns casos, apenas como mais uma “narrativa” de explicação do mundo, em especial, por aqueles que o entendem como uma travessia para um plano superior, como é o caso dos terraplanistas e antivacinistas.

Ainda que haja meandros que a racionalidade não consegue aclarar, e que a ciência atual seja perpassada pela lógica iluminista de progresso, “a testabilidade da ciência é a sua principal característica institucional” (JARVIE e AGASSI, 2011). Portanto,

a ciência não trabalha com verdades, mas com conjecturas, experimentação, refutação, verificação e resultados. É certo que “as evidências indicam que o público, às vezes, admite que a ciência e os cientistas podem falhar; que o público, às vezes, admite que as mais recentes revelações da ciência não são a última palavra sobre o assunto” (JARVIE e AGASSI, 2011). No entanto, forças arbitrárias que envolvem poderes centrais dos países supracitados utilizaram-se de estroinices para ridicularizar as recomendações científicas no início da pandemia (como o uso de máscaras ou a proibição de aglomeração) ou para fixar sugestões da ciência (como o uso da cloroquina e da ivermectina) que já se mostraram ultrapassadas.

O entorno político, assim, acabou por distorcer e retorcer as suposições científicas, ratificando o uso de uma abordagem ampla para entender o cenário pandêmico, já que “o vasto campo da existência humana inclui questões que não são técnicas: preocupações existenciais, dilemas morais, dificuldades pedagógicas, conflitos sociais e decisões políticas” (CUPANI, 2014, p. 10). Justamente por isso, é necessária a compreensão “do caráter parcial da visão da realidade imprimida por qualquer especialização científica ou técnica [que] são condições iniciais necessárias para engajar-se em um movimento de reflexão, que vise ultrapassar as fronteiras entre territórios do saber” (RAYNAUT, 2014, p. 16). Discussões sobre quarentenas mais rígidas ou mais duradouras, por exemplo, foram (e ainda o são) utilizadas como alavanca política em um ano marcado também pelo processo eleitoral, tanto no Brasil como nos Estados Unidos. No caso do nosso país, o desgaste institucional, a polarização política, a economia fragilizada e a acentuada desigualdade social, como já citamos anteriormente, aprofundaram-se com os avanços da crise pandêmica.

Se de um lado, porém, vimos elementos autoritários que não levaram em conta evidências científicas, de outro, o próprio conceito de evidência científica, do ponto de vista da epistemologia, não é unívoco. Apesar da abordagem restritiva dos autoritários, a abordagem epidemiológica tampouco deveria ser fundamentalista, sendo necessária uma frente integrada para distinguir entre o que poderia ter sido realizado a partir da realidade socioeconômica brasileira e o que valeria a pena ter sido importado de recomendações exteriores que estão sobrepujadas por uma realidade diferente da nossa. A ciência não tem respostas óbvias, fechadas e seguras. A epidemiologia, por exemplo, funciona com modelos em cima de dados. Por isso, a previsão e os cálculos

sobre a pandemia foram e ainda são confusos para a própria comunidade científica. Embora saibamos que as evidências são construídas conforme a ciência avança no conhecimento das questões que busca aclarar, precisamos confiar em sua prática para uma ampliação no entendimento sobre a crise que vivemos,

[...] Não porque acreditemos na ciência literalmente desinteressada, mas porque precisamos distinguir a obtenção de conhecimento confiável dos usos que julgamos objetáveis ou francamente prejudiciais, e precisamos contar com esse conhecimento para enfrentar os problemas que nos preocupam (inclusive, o mal uso ou a prática equivocada da ciência) e alcançar os objetivos que desejamos. Trata-se de resgatar a confiança na importância do saber para o bem viver (CUPANI, 2014, p. 10).

A articulação e cruzamento de dados heterogêneos que envolvem a disseminação do coronavírus permitiram que a ciência, a tecnociência e a tecnologia chegassem ao imunizante próximo ao fim do ano que passou. Vimos mais de 40 chefes de governos ao redor do mundo iniciar a vacinação ainda nos últimos dias de 2020, enquanto o Brasil seguiu e segue estarrecido com a posição delirante de um líder autocrático e irresponsável com as mais de 250 mil mortes no país. Um presidente, inclusive, que relegou e relega a testabilidade científica devido à lógica fundamentalista que envolve o seu discurso, sendo respaldado pelo atual ex-presidente norte-americano, Donald Trump. O negacionismo inicial à pandemia e a atribuição do infortúnio à alteridade (inclusive à China), ao invés de uma busca por soluções integradas de controle do vírus, unem ambos.

Com o agravamento da situação de descontrole do vírus, o início de 2021 é marcado não só pelas milhares de mortes: soma-se a isso uma economia em decadência no Brasil. Enquanto o PIB tem maior recuo em 30 anos, a inflação enfraquece o poder de compra dos brasileiros, acentuando a desigualdade e a pobreza. O momento atual é dominado pela devastação de um cenário que já estava em ruínas. O que podemos esperar de um governo em que é prezado o “quanto pior, melhor”? Será que já deveríamos classificar o Estado brasileiro como um propulsor de mortes, um Estado em que permeia a necropolítica? O asfixiamento do Amazonas – por meio das queimadas e da falta de oxigênio para os pacientes da Covid-19 – talvez possam revelar respostas para essas perguntas.

Situação oposta pudemos verificar nos países do Oriente, por exemplo, como é o caso do Japão, China e Coreia do Sul. Essas nações, embora perpassadas por uma lógica econômica dilacerante, podem ter se sobressaído no controle do vírus por trabalharem em um modo de vida mais próximo ao coletivismo que em relação ao Ocidente, cuja cultura individualista rege o comportamento das subjetividades e na qual “o peso da trama dos padrões e a responsabilidade pelo fracasso caem principalmente sobre os ombros dos indivíduos” (BAUMAN, 2011, p. 14). A vivência primariamente em grupo, o sistema coletivista e os mecanismos tecnológicos de controle dos indivíduos, sobretudo no caso da China, levam os habitantes daquele lugar a questionarem pouco a normatividade do sistema centralizado e da tradição, o que pode ter sido garantia para respostas mais rápidas das autoridades.

Estaremos dispostos, nós, modernos ocidentais, a fornecer gratuitamente um pouco da nossa liberdade fluida aos poderes centrais em troca de mais segurança e saúde? De alguma maneira não já fazemos isso frente às inovações tecnológicas que demandam dados pessoais em troca de entretenimento? No caso da tecnologia, “a vontade de controlar a realidade natural ou social, presente já na técnica, porém enormemente potenciada” (CUPANI, 2014, p. 3) nos tornará mais livres da contingência, conforme clama a ciência iluminista? Essas e outras questões que podem ser suscitadas a partir da crise pandêmica que ainda nos assola corroboram com a hipótese de que precisamos compreender o vírus para além do vírus e por meio de um saber científico rigoroso, complexo e híbrido sobre o problema. Um saber que dialogue com os fenômenos do mundo de maneira a extinguir fronteiras disciplinares, sem que se percam as especialidades científicas distintas. Um saber que seja assim como nós somos: enredados em nós que vão além de nós mesmos e que unem o “eu” e o “outro”, indissolúvelmente.

## **REFERÊNCIAS**

ARENDDT, H.; CORREIA, A.; MAGALHÃES, T. C. Trabalho, Obra, Ação. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, [S. l.], v. 2, n. 07, p. 175-202, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/163481>

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Jorge Zahar Eds, 2001. Prefácio. P. 7-22. Disponível em:[https://zahar.com.br/sites/default/files/arquivos/trecho\\_BAUMAN\\_ModernidadeLiquida.pdf](https://zahar.com.br/sites/default/files/arquivos/trecho_BAUMAN_ModernidadeLiquida.pdf)

CUPANI, Alberto. Fazer ciência em uma época marcada pela tecnologia. **Interthesis**, vol. 11, n. 02, julho/dez 2014, pp 1-14. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/18071384.2014v11n2p1>

DOSTOIEVSKI, Fiódor. **Crime e castigo**. 6. ed. Trad. Paulo Bezerra, São Paulo: Ed. 34, 2009.

JARVIE, Ian; AGASSI, Joseph. Por uma sociologia crítica da ciência. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 13, n. 26, p. 43-83, 2011 Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-45222011000100004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222011000100004&lng=en&nrm=iso)

RAYNAUT, Claude. Os desafios contemporâneos da produção do conhecimento: o apelo para interdisciplinaridade. **Interthesis**, vol 11, n. 01, jan/jun 2014, pp. 1-22. Disponível em:<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/18071384.2014v11n1p1/26883>

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 13, n. 38, p. out. 1998 . Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69091998000300010&lng=pt&nrm=isso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000300010&lng=pt&nrm=isso)